



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **OLHARES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

**Epídio Araújo de Sousa**

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB/ Brasil – epidioaraujo@gmail.com

**Diogo Soares Nunes**

, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB/ Brasil / diogo-bass@hotmail.com/telefone:

**Iranildo Aníbal Lima Sousa**

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB/ Brasil / iranildolima10@hotmail.com

**Angélica Mara de Lima Dias**

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande- PB/Brasil/angélica.mara02@gmail.com

**Resumo:** A formação de docentes nos cursos de licenciatura nas universidades é o principal fator para termos um bom profissional na área educacional. Diante disso, o presente trabalho aborda os olhares sobre a formação docente no curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, contando com os olhares dos autores, os olhares dos professores do ensino básico e do ensino superior em Geografia, e de alguns alunos do curso. Olhares esses construídos a partir das entrevistas coletadas no campo. O curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande nasceu em 2009 e tem como objetivo inicial formar professores para o ensino básico. O artigo trata de questões levantadas por professores do ensino básico como a questão da didática e da teoria e prática. As entrevistas dos alunos do curso abordam a questão da mudança na grade curricular no curso, e também a opinião dos professores formadores de professores. O presente artigo tem como objetivo principal refletir como é visto a formação dos discentes para o ensino na sala de aula, usando a técnica qualitativa.

**Palavras chaves:** Ensino de Geografia. Formação de professores. Prática docente.

### **INTRODUÇÃO**

A formação de docentes, nos cursos de licenciatura nas universidades é o principal fator para termos um bom profissional na área educacional, diante disso a Universidade Federal de Campina Grande conta com vários cursos voltados para a formação de professores, entre eles o de licenciatura plena em Geografia. Com isso, o presente artigo tem como objetivo principal refletir como é visto a formação dos discentes para o ensino na sala de aula.

O artigo se estrutura em quatro tópicos principais como resultados e discussão. O primeiro, olhar sobre a formação docente, nesse tópico abordamos um olhar de nós pesquisadores e discentes sobre a nossa formação com base em programas da universidade, do estágio supervisionado e como se dá essa formação entre os professores formadores. O segundo tópico trata a análise das entrevistas baseadas na seguinte pergunta: “Qual sua opinião de como se dá formação docente no curso de Geografia na Universidade Federal de Campina Grande? ”. Com base nessa pergunta surgiram



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

resultados e discussões a qual dividimos em três tópicos de análises, sobre a formação docente. O segundo tópico trata da formação docente em Geografia na visão de alguns dos professores do ensino básico, e o no terceiro tópico trata a formação docente em Geografia na visão de alguns professores formadores dos futuros professores, ou seja, dos professores do ensino superior. No quarto tópico analisamos a formação docente com base em alguns alunos do curso de Geografia-UFCG.

## **METODOLOGIA**

O artigo se estrutura em um olhar geral sobre a nossa formação, e em três olhares, baseado em entrevistas, com professores de estágio das escolas do ensino básico, com os licenciando e futuros professores em geografia, com os professores formadores (universidade). As entrevistas vão auxiliar para a construção do artigo, pois a partir dela que teremos resultados iniciais da pesquisa. A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo. (ROSA; ARNOLDI, 2006, p.17). A entrevista se baseou em uma pergunta aberta “Qual sua opinião de como se dá formação docente no curso de Geografia na Universidade Federal de Campina Grande? ”.

No total foram realizadas 11 entrevistas, cinco alunos do curso de Geografia, dois professores do curso e quatro professores de Geografia do ensino básico. A escolha dos alunos de graduação e dos professores da universidade foram feitas aleatoriamente, mas a escolha dos professores da escola se deu por base, nos estágios, logo os professores do ensino básico são os professores supervisores e que nos orienta em enquanto a nossa formação na escola. Todos os 4 professores do ensino básico são de escolas públicas diferentes do município de Campina Grande-PB. As entrevistas foram realizadas dentro da universidade com os alunos e professores da rede superior, e nas escolas com cada professor supervisor da rede básica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE**

O curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, nasceu em 2009 e tem como objetivo inicial, de formar professores para o ensino básico. A formação do docente no curso de pela a UAG<sup>1</sup> é realizada em 2895 horas, ao



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

longo de 8 semestres para o curso diurno, e 9 semestres para o curso noturno. O fluxograma do curso está dividido da seguinte forma: Componentes Curriculares do Núcleo Específico - são aquelas que tratam de questões específicas da geografia; Componentes Curriculares do Núcleo Específico - são aquelas que tratam de questões específicas da geografia e da geografia escolar e está dividida em: Fundamentação para o Estudo da Geografia, representação do espaço e estudos pedagógicos e estágios. Além desse núcleo, existem ainda os núcleos de formação complementar (aquelas componentes que auxiliam na formação do professor de geografia e são originárias de outros ramos do conhecimento, como as linguagens e as ciências sociais.) E os de opções livres (que agrega as disciplinas optativas e as atividades acadêmico científico culturais)<sup>2</sup>.

O contato com as disciplinas voltado para o ensino é tardio, logo isso deveria sofrer alguma alteração, pois estamos em um curso de licenciatura e quanto mais rápido o contato com a sala de aula, melhor será o aprimoramento desses discentes com a realidade escolar. Para muitos discentes, o contato com ensino vem a partir de alguns projetos que abrem caminho para estes conhecerem a realidade da escola, e um exemplo é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) abre caminho para muitos discentes do curso antes do estágio e até algumas disciplinas na área de educação.

O Estágio Supervisionado é o primeiro contato que muitos alunos têm com seu futuro campo de atuação (escola). Segundo Pimenta e Lima (2004) o estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade. Destacando a importância do estágio supervisionado Andrade (2005) afirma:

“Uma importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciando vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com sua família, com sua comunidade com a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência - fazer bem o que lhe compete” (p. 2).

O estágio supervisionado é um momento de grande experiência, desenvolvimento e aperfeiçoamento de técnicas para a nossa formação profissional. Ao analisarmos a nossa formação docente, percebemos hoje que o desafio central é superar o modo tradicional de ensino e introduzir novas metodologias. O que muitas vezes é um desafio, pois o inovar que aprendemos na universidade é difícil de ser quebrado como destacamos anteriormente na escola. Conforme Veiga (2003)

---

<sup>1</sup> Unidade Acadêmica de Geografia.

<sup>2</sup> Informações concedidas pelo o professor e coordenador pedagógico do curso de Geografia-UFMG.  
(83) 3322.3222



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Introduzir inovação tem o sentido de provocar mudança, no sistema educacional. De certa forma, a palavra “inovação” vem associada a mudança, reforma, novidade. “O ‘novo’ só adquire sentido a partir do momento em que ele entra em relação com o já existente” (p.270).

## OLHARES DOS PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO GEOGRAFIA

Quando falamos na formação de docentes, um papel essencial é o do professor do ensino básico em Geografia, logo são eles que nos recebem nos programas de extensão, e no estágio supervisionado. A Geografia nas escolas segundo o Parâmetros Curriculares Nacionais,

Tem um tratamento específico como área, uma vez que oferece instrumentos essenciais para compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, que estabelecemos com ele (BRASIL, 2001, p.99).

Com base nas entrevistas podemos analisar diferentes pontos para debater, já que os olhares dos professores para nossa formação, são todos diferentes, porém em uma fala em comum se destaca, que é a teoria (o que repassado na universidade) e a prática (ensinar na escola pública). Percebemos que o nosso curso, está muito distante da realidade escolar, logo os professores não acompanham de perto o período de realização estágio, logo essa presença é dos professores da universidade dentro da escola de ensino básico é muito importante, pois auxiliaria os discentes em sua formação.

Quando entrevistada a professora 1 respondeu, *“teoricamente a universidade prepara bem os alunos, percebo isso quando vejo meus estagiários nas regências vejo um domínio de conteúdo perfeito e abordagem metodológicas muitas boas, porém falta a presença do professor formador acompanhando esses estagiários nas regências e também a pouca didática que os alunos apresentam. Mas isso, [...] vem de muito tempo, no meu tempo ocorreu isso, e a didática aprendi com tempo, a universidade sempre se distancia dos alunos o momento de prática e falha na didática prejudicando nossa formação inicial”*. Analisando essa fala percebemos o quão é importante a didática para o processo de formação do professor e que é pouco explorado em sala de aula. Segundo Libâneo (1994):

A didática, assim, oferece uma contribuição indispensável à formação dos professores, sintetizando no seu conteúdo a contribuição de conhecimentos de outras disciplinas que convergem para o esclarecimento dos fatores condicionantes do processo de instrução e ensino, intimamente vinculado com a educação e, ao mesmo



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

tempo, provendo os conhecimentos específicos necessários para o exercício das tarefas docentes (p.74).

Na fala de Castro, ele afirma a importância da didática dizendo:

Pois é certo que a didática tem uma determinada contribuição ao campo educacional, que nenhuma outra disciplina poderá cumprir. E nem a teoria social ou a econômica, nem a cibernética ou a tecnologia do ensino, nem a psicologia aplicada à educação atingem o seu núcleo central: o Ensino. (p.21).

Ainda com base na resposta da primeira pergunta, podemos indicar uma solução, observando a fala de Fope (2012):

O estágio, enquanto eixo integrador de saberes docente deve possibilitar o diálogo entre as disciplinas, remete ao entendimento de que todas necessitam oferecer conhecimentos e métodos para o processo da análise, da crítica e da proposição de novas maneiras inerentes ao processo de ensinar [sic]. Serão necessários encontros em que se busque a reflexão constante da prática, embasada em conhecimentos construídos ao longo do curso, com o apoio teórico-metodológico de todas as disciplinas que compõem a licenciatura (p.3).

Analisando a segunda fala percebemos então que caberá ao professor do ensino básico se articular com bolsistas e estagiários para tornar a Geografia uma disciplina que faça o aluno ser cidadão crítico e atuante que entenda a realidade em que ele está inserido. E será papel dos professores que estão por vir, entender a dinâmica mundial, assim sendo cumprindo o objetivo da Geografia escolar, que segundo Pontuschka (2009):

A Geografia, como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que os alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia. (p.38)

A professora 2 respondeu: *“na minha opinião os futuros professores de geografia da Universidade Federal de Campina Grande , estão muito bem encaminhados, pois o que pude observar através dos estágios e da participação acadêmica no PIBID, eles estão aptos a enfrentar uma sala de aula e desenvolvermos seus futuros educandos a capacidade analisar refletir e investigar além de ajudar na construção de uma visão crítica, pois os mesmos estão sempre aplicado aulas mais dinâmicas e desenvolvendo projetos de modo, contribuindo para a melhoria do ensino e aprendizagem”*.

É necessário prestar atenção na segunda entrevista que a professora não critica, a falta de didática e nem ausência dos professores formadores na escola. Logo prestando atenção em sua fala, podemos notar que ela fala em dinamismo e projetos nas aulas e formação do cidadão crítico que remeteu fala citada anteriormente por Pontuschka (2009). Nessa observação, percebemos o quão importante pode ser a teoria se for bem estudada, pois como estagiários e bolsistas, não sentimos falta do professor



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

formador em aplicação de projetos e nem nas regências. Porém é necessário que ele esteja presente para que nossa formação seja avaliada e sejam repassadas dicas e assim a formação seja aperfeiçoada. Isso é questionado também na fala da professora 3: *“A UFCG como instituição pública tem um nome a zelar, procura elevar o nível dos profissionais que passam por essa instituição. Dessa forma, os docentes do curso de Geografia passam por todas as etapas de preparação que o curso exige, estando os mesmos aptos a exercerem o magistério. Contudo, vemos os professores da universidade um pouco distantes da escola”*. É necessário que haja um diálogo e que a escola esteja aberta para universidade ou vice-versa para que haja até um melhor desempenho entre os estudantes e é visto em uma das falas de professor entrevistado a distância entre escola e universidade o professor 4 fala que *“a formação dos futuros professores está se desenvolvendo muito boa, porém eu acho que ainda está distante é a escola e a universidade. É que a visão que se tem é que a universidade é algo lá em cima, e se faz pouco presente na escola, raramente tem professor de universidade na escola é horrível esse relacionamento. Há uma distância abismal, historicamente construída entre educação superior e básica”*

Destacamos aqui a fala de Nóvoa (2003), O qual ele menciona a importância da universidade, mas que a escola é de tamanha importância e isso podemos perceber na prática que a partir que passamos conviver na escola, vamos aprimorando nossos saberes, metodologias e didática, pois estamos inseridos em um ambiente que conhecemos diariamente e que podemos nos adaptar, aprender o que não aprendemos na universidade e aperfeiçoar as técnicas aprendidas. Nóvoa (2003) afirma que:

É evidente que a Universidade tem um papel importante a desempenhar na formação de professores. Por razões de prestígio, de sustentação científica, de produção cultural. Mas a bagagem essencial de um professor adquire-se na escola, através da experiência e da reflexão sobre a experiência. Esta reflexão não surge do nada, por uma espécie de geração espontânea. Tem regras e métodos próprios (p. 5).

## **OLHARES DOS DISCENTES EM GEOGRAFIA**

Analisando as cinco entrevistas, dos discentes do curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, percebemos uma preocupação dos alunos em relação a sua formação. Logo pelos relatos percebemos que a preocupação maior está relacionada com as disciplinas específicas de ensino que são ofertadas muito tarde na grade curricular do curso.

Isso identificamos nas falas dos alunos em formação 2 3

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

e 5: Aluno 3: *“Eu acredito que deveriam mudar a grade curricular e botar disciplinas relacionadas a educação logo nos primeiros períodos, porque o começo do curso é muito voltado para o bacharelado, e não se pode separar a teoria e prática. Mas tirando essa questão eu acredito que a UAG está fazendo um bom trabalho, mas dá para melhorar”*. Aluno 5: *“Bom, eu acho um desafio é trazer na grade a aproximação de disciplinas de prática no início do curso”*. Aluno 2: *“os docentes em formação no curso de geografia na UFCG têm sua formação pautada em uma dinâmica de ensino boa. Que envolve a priori a teoria e em seguida sua prática. Pode-se dizer que se trata de uma formação em geral considerável, com alguns problemas visíveis, como má organização no horário e cadeiras da área de ensino muito longe”* essas falas remetem ao estudo de Campos (2012) o qual ela aborda:

Primeiramente, é necessário avançar na estrutura curricular dos cursos de Geografia. Em algumas universidades onde se formam tanto bacharéis como licenciados, as disciplinas pedagógicas somente são trabalhadas a partir do terceiro ano. Cabe lembrar que já houve um avanço porque antes o que havia era a velha estrutura 3+1. Porém, é necessário avançar mais, como, por exemplo, garantir que desde o primeiro ano o aluno entre em contato com as disciplinas relacionadas à docência (p. 6).

Percebendo assim em sua fala que, o problema não é só identificado na UFCG, e sim e várias outras universidades e caberá as unidades acadêmicas de Geografia, mudar essa realidade.

Na fala da aluna 1 vamos ter um debate, que sempre questionamos, o curso voltado mais para a pesquisa e pouco investimento no ensino. Aluna vai falar que *“Essa formação docente acontece por meio de aulas teóricas onde a prática é bastante enfatizada. Contudo, o aluno no decorrer do curso possui a autonomia de escolher quais linhas seguir: pesquisa, extensão ou ensino. No meio acadêmico, aqui se referindo à Geografia, existe uma preferência/preconceito voltado a valorizar os projetos de pesquisa. No entanto, tendo em vista a licenciatura, a linha do ensino poderia ter mais espaço na grade disciplinar ou mesmo, andar em paralelo às disciplinas exclusivas da Geografia”*. Para Santos e Compiani (2010), se constrói uma dicotomia entre os conhecimentos específicos geográficos e os conhecimentos ditos pedagógicos, a formação de professores tende a se tornar uma verdadeira colcha de retalhos e com isso ampliar a confusão dos alunos sobre o que de fato é esta formação. Estes autores ainda nos acrescentam:

[...] a nosso ver, esse descomprometimento é resultante da ideia generalizada nos cursos de licenciatura de que compete aos professores das disciplinas pedagógicas a responsabilidade pela formação do futuro professor, acentuando-se a dicotomia teoria e prática” (p. 4).



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Na fala do aluno 4: *“Eu analiso a conjuntura pelos aspectos das disciplinas e dos professores. Em primeiro lugar o fato de ter professores só com bacharelado dificulta muito no processo de transposição didática dos conteúdos, além disso em Geografia física há uma lacuna muito grande. Em segundo lugar existem disciplinas que caem do céu, como sensoriamento remoto que tenta inserir princípios de física em alunos que não recebem anteriormente uma base. Isso é culpa do regimento da disciplina e não de quem a conduz”*. Podemos perceber um pouco da crítica sobre didática debatido antes nas falas dos docentes do ensino básico e pouco do debate que vai ser abordado nos olhares dos professores do curso, no qual fala da má qualidade do ensino básico que influencia nas dificuldades em algumas disciplinas do curso.

### **OLHARES DOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR EM GEOGRAFIA**

Muitas das críticas na formação docente em Geografia vêm do professor da universidade, logo ou por se distanciar da prática na realidade do ensino básico, não acompanhar a formação do graduando na prática. Como vimos nos olhares discutidos, temos a universidade (professores da universidade) responsável por alguns erros na formação do licenciado em Geografia. Uma das soluções é a mudança na grade curricular que é sugerida, pelos os discentes entrevistados. Sobre isto Cavalcanti (2002, p.110) ressalta a urgente importância de se realizarem mudanças no currículo da licenciatura em Geografia:

Para essa atuação profissional exigida na atualidade, não se podem mais adiar importantes modificações nos currículos e nas metodologias de formação inicial em Geografia. Os cursos universitários precisam assumir a formação profissional, em todas as modalidades, desde o início do curso, não admitindo mais soluções simplistas de reforma de grade curricular, de acréscimo de conteúdo (p. 110).

Cabe ressaltar que a universidade é o eixo central formador dos futuros professores, sendo preciso se organizar enquanto busca melhoria para seus cursos. Na resposta de um dos professores, podemos observar a preocupação dele, para mudar alguns aspectos do curso e quando ele assume as falhas e que é preciso melhorar, sendo esse o caminho para que ocorra a mudança e melhore a qualidade de nossa formação.

Professor superior 1 fala que: *“Do ponto de vista qualitativo, acreditamos que já foram identificadas questões a serem melhoradas na organização curricular do curso. Especificamente aponto duas questões: Maior presença de componentes capazes de instrumentalizar os alunos no domínio da dinâmica da*



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

*natureza; maior articulação entre os conhecimentos científicos da Geografia e a Geografia escolar ao longo de todas as componentes curriculares do curso. ”“Em geral, considero a estrutura curricular do curso satisfatória com questões pontuais a serem resolvidas. Destaco a evolução ocorrida na preparação do futuro docente ao ter contato com o as escolas de ensino básico, realizada ao longo de 4 estágios supervisionados. Além da estrutura curricular, é possível analisar o curso através de suas iniciativas de pesquisa e extensão e de estrutura de laboratório e apoio aos estudantes. Assim, é preciso ressaltar o compromisso do corpo docente do curso na construção de projetos de pesquisa e extensão dando aos alunos a possibilidade de participar de outras experiências além da sala de aula. Em relação a estrutura, é preciso destacar que o curso ainda apresenta muitas carências, embora tenha avançado em relação a disponibilidade de ambientes de apoio aos estudantes e laboratórios. Ressalto, no entanto, que ainda considero insuficiente. Como destaque negativo, vejo a biblioteca da UFCG que é aquém das necessidades de qualquer curso desta instituição. Ao relacionar esses aspectos, preciso apontar que o curso recebeu recentemente sua primeira avaliação do MEC e obteve o melhor conceito dentre os cursos de licenciaturas de Geografia da Paraíba”. “Por fim, é preciso considerar que o curso oferece apenas a formação inicial ao futuro docente, que será continuada ao longo dos anos em concomitância com a prática. Neste sentido, acredito sinceramente que temos feito um bom papel. Ao afirmar isso, não escondo que existem fragilidades, as principais já pontadas acima”.*

Como só conseguimos esta entrevista, decidimos dividir a fala em dois momentos. O segundo momento aborda a fragilidade dos alunos ao entrar no curso, principalmente a dificuldade à prática da leitura e da escrita. Sobre esse quesito ele fala que *“essas fragilidades também resultam do perfil do aluno ingresso nas licenciaturas de geografia. Em geral, não foram alunos que realizaram seu percurso escolar de forma brilhante. Assim, esbarra-se sempre na dificuldade de leitura e escrita, fato a lamentar em um curso superior. Da mesma forma, o pouco reconhecimento social da profissão e da ciência acabam por desestimular um maior compromisso dos estudantes na busca do melhor sempre. Estes dois elementos somados precisam ser trabalhados cotidianamente pelos que fazem o curso (docente e discentes) para resultados melhores serem atingidos”*. Acreditamos que essas fragilidades devem ser solucionadas no decorrer do curso, para que se evite transtornos quando o docente em formação segue com essas dificuldades posteriormente, porém essa fragilidade apontada não é só em Geografia, mas sim na maioria dos cursos, logo o ensino básico público não influencia muito, gerando um grande desconforto. Segundo Moyses (2008), concebe-se que:



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

A maioria dos professores, de qualquer grau, concorda que os estudantes não leem, não gostam de ler e têm dificuldades para compreender o texto escrito, porém muitos relutam em assumir sua parcela de responsabilidade na formação do aluno leitor. Assim, a escola, que deveria ser o local de “aprendizado de leitura” por excelência, acaba atuando ao contrário: ao oferecer leituras fragmentadas dos livros didáticos acaba “ensinando” que a leitura é uma atividade chata, inútil e que provoca busca de respostas às perguntas que a escola propõe (p.65).

Então percebemos que as dificuldades na formação, podem ser responsabilizadas pela má qualidade do ensino básico que a maioria dos alunos têm, principalmente na área da Geografia física, como abordado em uma das entrevistas. E caberá ao professor da universidade entender essas dificuldades e passar sugestões para que os alunos em formação busquem melhorar e não esnobar esse déficit que está presente no curso. Na fala de Moura (2012) podemos perceber a realidade com alguns professores do nosso curso, que não entendem a dificuldade e não buscam mudar suas metodologias para que a nossa formação não seja interrompida. “Através dos tempos, o professor se tornou o detentor de um inegável poder e aprendeu a responsabilizar seus alunos pelo fracasso do processo de ensino-aprendizagem. Nesta condição, quando o aluno não aprende, a culpa é sempre do aluno, nunca do professor que é sábio e autoridade na matéria lecionada” (MOURA 2012, p.4).

Outro desafio falado, é como a profissão é vista e nesse ponto concordamos com o professor entrevistado, logo somos recebidos dentro da própria escola, com palavras de que enfraquecem a nossa formação. Usando a fala de Teixeira (1973), “talvez a verdadeira razão para que o ensino esteja em baixa, é que os jovens tiveram maus professores, incapazes de motivá-los e de transformar o “aprender” em algo prazeroso. O professor completo é aquele que é também educador, que sente prazer em provocar aprendizagem”

Na entrevista com outro professor, ele apresentou como estava estruturado e como era formação de dos alunos na visão dele, destacando a questão das bolsas e como era os modelos das atividades em sala de aula. Professor 2: *“Na minha opinião, a formações docente no nosso curso se dá de forma muito dinâmica, através de diversas atividades desenvolvidas pelos nosso docente, especialmente, através de programas institucionais, como o PIBID, PIVIC, PIBIC, monitorias... Nas atividades de sala de aula, além do uso de recursos didáticos, há ainda atividades que estimulam a prática docentes, como seminários, estágios, debates, atividades em equipe, etc. Cabe destacar ainda as atividades de trabalho de campo, que constituem ações vitais na formação docente”*.

Analisando essa última fala, percebemos que o curso está no caminho certo, embora haja algumas falhas e dificuldades citados ao longo do texto. É preciso superar essas falhas,



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

para se tornamos, um curso melhor e que saiam bons profissionais

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim entendemos que a formação do nosso curso está indo no caminho certo, só precisando haver um maior diálogo entre universidade, escola e futuros professores. Acreditamos que um grande passo já tenho sido dado, que é reconhecimento, por parte do curso, que está tentando mudar, e superar os erros. Esse artigo trouxe a nós uma reflexão sobre como se dá a formação docente no nosso curso e pudemos identificar as principais falhas em relação a nossa formação, a quais destacamos a falta de didática, má organização na grade curricular no curso, e as dificuldades em leitura e em escrita por partes do discentes em Geografia da UFCG. São muitos caminhos, mas é preciso rever que não é só o nosso curso, embora a pesquisa seja voltada para o nosso curso é preciso perceber que os cursos de licenciaturas pelo o Brasil, tem muitos desafios para formação, muitos faltam estrutura, poucos alunos principalmente na área de exatas. Temos que buscar soluções para pequeno e médio prazo para que a educação do nosso país seja prejudicada.

## REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da. (Org.). **Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática**. Natal: EdUFRN, 2005. Disponível em: [www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf](http://www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf). Acesso em maio/2016.

CAMPOS, Margarida de Cássia. A Formação do Professor de Geografia: a difícil construção do saber/fazer docente. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 3-15, jul. / dez. 2012. Disponível em: < <http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewArticle/124>> Acesso em maio/2016

CASTRO, Amélia D. de. **A Trajetória Histórica da Didática**. São Paulo: FDE, 1991. p.15-25.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. 3 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001. P. 107-112.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

FÓRUM PERMANENTE DAS LICENCIATURAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (FOPE). Concepções de estágio dos cursos de licenciatura da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, no prelo.

LIBANEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério).

MOURA, Ribeiro Moura. **O Professor de Geografia e sua Prática Atual Profissional: Qual Seu papel na sociedade Atual?**. Geosaberes, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 3-11, jan. / jun. 2012.

MOYSES, A. C. **Atividades de leitura e produção de texto**. Editora Saraiva, São Paulo, 2008. P. 60-70.

NÓVOA, A. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia – 3ª ed.** – São Paulo: Cortez, 2009.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

SANTOS, W. T. P. dos; COMPIANI, M. Operacionalização da prática de ensino e do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura em geografia nas universidades estaduais paranaense diante das reformulações curriculares. In: **Guairacá**. Nº 24, Guarapuava, 2008. P. 4-15

Veiga, I. P. A. (2003). Inovações e projetos pedagógicos: uma relação regulatória ou emancipatória? Caderno CAPES, v. 23, n. 61. Campinas

TEIXEIRA, G. O processo-ensino aprendizagem e o papel do professor como gestor do pensar. In: Diagnóstico do ensino superior do Brasil. Documento didático de trabalho do curso "Didática do Ensino de Administração II", FEA/USP, São Paulo, 1983.